3 1761 07046753 5

200

SONETOS

LIVROS DE CANDIDO GUERREIRO

Rosas desfolhadas, 1896.
Ave-Maria, 1900.
Sonetos (1.ª edição), 1904.
«*Eros!*», 1907.

CANDIDO GUERREIRO

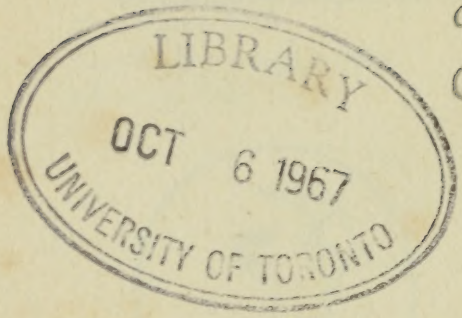
SONETOS

(2.ª EDIÇÃO, AUMENTADA)

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

[1916]

PQ
9261
G84S6
1916



MARGARIDA:

Vago, amargurado luar, reflexo longinquo e tenue da beleza que, em nebulosa alta e esparsa, mal entrevi no meu sonho d'Arte, e quiz e não soube prender e condensar na crystalisação do verso imortal e perfeito, — este livro, só resisto á tentação de o rasgar, porque, provavelmente, já não terei tempo de escrever outro onde ponha o teu nome, que aqui fica a abençoá-lo e a redimi-lo, para que, nas suas paginas, possas ensinar os nossos filhos a lêr e a amar.

Teu
C.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/sonetos00guer

Meu bom amigo e camarada

Desculpe-me. Recebi o seu livro (*) em Villa do Conde, ao partir para aqui. E, desde que cheguei, os trabalhos e as doenças não me deixaram ainda um só instante de repouso.

Os seus bellos sonetos encantaram-me. Anunciam um grande poeta, avido de verdade, não a verdade anedotica e transitoria, mas a verdade essencial e profunda, a verdade eterna.

O firmamento da sua alma é claro e translucido, e as nuvens, que o enodoam de quando em quando, tão ligeiras e leves, que a voz d'uma ave ou o murmurio d'um beijo as evaporam d'improviso.

A sua rasão extatica, que é a rasão transcendente, ergue-o á plenitude da vida,

> "ao Grande-Amor, ao Grande Todo,
> Que é uno, indivisivel, e que é Deus..."

A sua rasão vulgar, a do senso comum, a do homem mediocre, é a que blasfema ou que duvida. A rasão exata,

(*) O Mestre refere-se aos *Sonetos*, 1.a edição, Coimbra, 1904, constituida pelos primeiros cincoenta do presente volume.

gelida e nua, é um instrumento de precisão, que vê claro n'um pequeno ambito. Sabe medir, contar, avaliar. É a rasão burguesa, na ordem scientifica. Dentro d'um quintalejo move-se á vontade, com ousadia e segurança. No infinito perde-se. Não vê a luz de Deus, e, como a não vê, diz que não existe.

A rasão transcendente é omnividente. Abrange o infinito, porque ella mesma é o infinito. Mergulha as raises na vida eterna, e abre-se, espontanea e candida, na flor do extase...

As duas rasões habitam em nós e contradisem-se. Harmonisando-as, chega-se á verdadeira espiritualidade, á plena visão da naturesa. Nos *Sonetos* já essa visão irradia, mas é instavel. Quando a fixar, o grande poeta surgirá.

Todos os sonetos ao seu Algarve, maravilhosos. Alguns sublimes.

Por exemplo, os que começam:

Oh mais lindas entre as lindas creaturas;

Cheios de paz e cheios de doçura;

E, acima de todos, este:

Porque nasci ao pé de quatro montes
Por onde as aguas passam a cantar
As canções dos moinhos e das pontes,
Ensinaram-me as aguas a falar...

. . . . . .

Sinto-me irmão da luz, do ar, das aguas,
Sinto-me irmão dos ingremes penedos
E sinto que sou Deus, pois Deus é tudo.

Admiravel! Sim, Deus é tudo, porque é o amor de todas as coisas, a fraternidade infinita, universal. A arte religiosa é a arte soberana.

Barca d'Alva, 11.

Seu cordeal amigo e admirador,

GUERRA JUNQUEIRO.

1901-1903

NAS prisões celulares da Materia,
Ás quaes está de sentinela a Vida,
Jaz a minh'alma, ardente aguia vencida,
Feita captiva, a imperatriz aerea...

Uma noite, fugindo a tal miseria
(Porque estivesse a guarda adormecida
Pelo sonho, a narcotica bebida),
Voou, liberta, na amplidão etherea.

E arremessou-se em busca, pelo Além,
Da verdade imutavel e do Bem.
Nada achando, bradou por Deus... Em vão!

—Na eterna inconsciencia do Infinito
Deus dormia... Voltou, e desde então
Teme sahir do carcere maldito...

Ao sopro do mysterio, o estranho vento,
Navega no Mar-Negro do Infinito
Um navio phantastico e maldito,
Meu impio e audacioso pensamento...

Demanda a todo o pano o nevoento
E remoto archipelago do Mytho,
Onde está preso o velho rei proscripto,
O velho Deus despotico e sangrento...

— Nas alturas da Oceânia-das-Estrelas,
Marinhagem dos Sonhos! largae velas!
...Mas tanta Ilha-d'Oiro inhabitada!

— Senhor Deus dos Exercitos, da Guerra,
Onde estás? — O gageiro brada «Terra!»,
E o meu navio aprôa o eterno Nada...

PELO claustro de abobada infinita
— Da cathedral de Deus exigua nave, —
Silenciosa, macerada e grave,
Caminha a Noite, a triste carmelita...

Sobre o negro burel — como bemdita
Extrema-unção de luz, branca e suave,
Que as gangrenas de treva adoce e lave —
O escapulario de luar palpita...

D'onde vens, imortal Religiosa?
Vens, oh palida Freira sempre triste,
D'esse convento amuralhado e forte,

D'esse mosteiro secular que existe
Numa ilha encantada e mysteriosa
Do Oceâno Pacifico da Morte?

Oh montanha, oh montanha escura e brava!
Estrophe de vulcanico poêma,
Gesto petrificado da suprema
E primitiva dôr da Terra escrava!

Castigou-te o Senhor, bôcca blasphêma!
Por ti foi que ela outr'ora vomitava
Pragas de fogo, anathemas de lava:
Feriu-te a maldição; és uma algema...

Oh colossal, silencioso grito
Da ira inenarravel do granito!
Pesas menos, anel d'esta cadeia

Que o mundo, atraz do Sol, no dorso leva
Do que a montanha tragica de treva
Que, em pós de Deus, arrasta a minhá Ideia...

EXISTIR! Para quê? Tumulo ou berço,
Almas, gangrenas, soes, o pensamento
É tudo o turbilhão, o movimento,
O imortal Ashavero do universo...

A ele a Inconsciencia (Deus imerso
Nos abysmos da inercia e esquecimento)
Bradou: — « Caminha! Sê! » — A tal momento
Chamou-se eternidade; e eis que, disperso,

Houve então entre os polos do infinito,
Espaço e tempo, o lamentoso grito
Do Ser que repousava no Não-Ser...

Por isso, a Vida, a filha da Existencia,
Chora e maldiz a sua propria essencia:
— Jámais parar, jámais adormecer...

MEUS pobres versos!... Eis o que transuda
Da dôr occulta da minh'alma inquieta,
Que chora trespassada pela setta
D'esta interrogação: — Jesus ou Budha? —

A morte, a fera monstruosa e muda,
A grande sombra esphyngica projecta
Sobre o caminho; e em vão, além da meta,
Tu procuras, minh'alma, quem te accuda...

Vae indo, pois, oh cega, oh desgraçada,
Como aqueles que vão, em erma estrada,
Cantando para disfarçar o medo.

Só um echo responde ao teu clamor:
É a voz genesiaca do Amor
Pairando acima do imortal Segredo...

TÃO moço como vós, que ides vogando
Pelo rio do Tempo, na galera,
Nesse lindo navio do comando
Da radiante e musical Chimera;

Amigos como vós, tambem quizera
Sob a luz das estrelas ir cantando,
Emquanto o rio, a muda e voraz fera,
Como fera nos vae arrebatando...

Os meus olhos, porém, numa vertigem,
Cahiram, e afogados na torrente,
São dois ceguinhos... Todos, pois, se afligem,

Os tristes, perguntando a toda a gente
Se ela irá desaguar exactamente
No mar de treva onde bebeu a origem...

—DORME o inerte infinito em meu regaço
O somno imemorial da eternidade;
Sou o Ignoto, e, impassivel divindade,
O irmão gemeo do Tempo. Sou o Espaço.

Emquanto dentro em mim os soes, no laço
Que os prende á mentirosa realidade,
Sonham um sonho lindo, a claridade,
Limito o indefinido em meu abraço.

Mas, despido de toda a contingencia,
Homens, escravos, filhos da Existencia,
Buscaes debalde, oh Formas relativas,

A minha essencia conhecer ao certo:
—O Absoluto, o Não-Ser, o Ser liberto
Não podem devassal-o almas captivas...

Oh meus irmãos, oh descendentes de Eva,
Erga-se de entre vós alguem que sonde
O oceano do Além, que nos esconde
A vida, já de si um mar de treva...

Perdi-me, e na vereda que me leva
— Para Deus? para o Nada? para onde? —
Nem mesmo um echo á minha voz responde,
E, implacavel, o céo como que neva...

Que gelidez! — E, horror! quando procuro
Conhecer o sinistro mascarado
Que do silencio eterno e eterno escuro

Avança para mim, o Ignorado,
O esphyngico Mysterio do Futuro,
Tropeço no cadaver do Passado...

NAS solidões do primitivo mundo
Um formidavel, tragico lamento
Domina a voz do mar e a voz do vento
E faz estremecer o ceo profundo...

É a voz de Cain, o vagabundo,
O fatricida biblico e sangrento...
Ameaça Jehovah e, num acento
De prophecia, brada-lhe, iracundo:

— Injustiça de Deus! Matei Abel...
Porque o fizeste fraco e a mim cruel?
A culpa vem de ti, não vem de mim...

Senhor, que és réo de eterna imperfeição,
Será escrava a sua geração
Da poderosa raça de Cain...

—MINHA origem qual é e a minha essencia?
Serei o proprio Deus a quem procuro?
Onde te escondes, Deus? Eu te conjuro
A que apareças! — disse a Consciencia.

Deposto Jehovah sombrio e duro
Do seu throno de nevoa e inconsistencia,
Em seu logar, o Deus-Inconsciencia,
Naquela evocação, surgiu do escuro...

Tornou a Consciencia: — Sem piedade
E sem coleras, mudo sempre e quedo,
Pela tua absoluta realidade,

Ninguem te pode amar, nem causas medo...
Antes o velho Deus, o Deus-Segredo,
Um Deus que não o seja, — o Deus-Vontade...

TORCIDAS por angustias seculares,
As angustias da vida — a Dôr suprema —
As oliveiras são como um poema
De eternos, pantheisticos pesares . . .

Treva assassina apunhalando os ares,
Gritos da escuridão, em raiva extrema,
Cada cypreste como que blasphema
Contra as piedosas bençãos estelares . . .

A tragedia da Noite vae em meio.
É a hora solemne do mysterio . . .
E, no entanto, tranquilo, sem receio,

Reso junto ao portal do cemiterio
Por alma de meu Pae. E, grande, o Amor
Bate as legiões sagradas do Pavor . . .

I

INTREPIDO guerreiro, erguida a lança,
Onde a gloria floreja resplendente,
O Homem, numa galopada ardente,
Pela estrada dos seculos avança...

No seu nobre ginête, que não cança,
Vae subindo, subindo heroicamente...
Da Torre-do-Porvir, altivamente,
Acena-lhe a bandeira da esperança...

Mas, ás vezes, estranha ventania
Alevanta-lhe o pó-philosophia,
Que numa nuvem cerra o cavaleiro...

Então hesita... O Caucaso da Historia
Tem no cimo o Castelo da Victoria,
Ou Prometheu, o eterno prisioneiro?

II

ENTÃO hesita, sem saber que faça,
Porque a nuvem de pó-philosophia,
Essa subtil poeira que o asphixia,
Esconde toda a luz por onde passa...

Maldita seja, pois, a ventania,
O moinho do Ar, de que a Desgraça
Recolhe o pó de treva com que amassa
O amargo pão da duvida sombria...

Maldita seja, pois; porque demora
A marcha triumphal que o Homem leva...
—Clarins de sol, oh canticos da aurora,

Rasgae, espadas epicas de luz,
O farrapo theologico de treva
Que inda amortalha o corpo de Jesus!

NA sua lingua sobrenatural
E numa voz ameaçadora e forte,
Ministro de Ahriman, o vento norte
Anda a prégar a religião do Mal...

Ao longe, o Mar responde ao vendaval,
Rezando psalmos em louvor da Morte...
(—Naufragos tristes! desgraçada sorte!
Como o responso é barbaro e fatal!...)

E a apunhalar-me o ouvido o som da chuva,
Sonho um leito phantastico de espuma
Em que a minh'alma, a hysterica viuva,

Sob um halo de lendas que a ilumine,
Como a lua a boiar por entre a bruma,
Vá dormir para sempre com o Spleen...

ASSENTOU arraial na minha vida,
Armando as lindas tendas de ilusões,
O bando revoltoso das paixões,
A caravana ardente e destemida...

Uma noite, porém, acometida
(Era uma noite escura de trovões)
Por muitos assassinos e ladrões,
Deu o Amor o signal para a partida...

E partiram, levando-o, á sua frente,
O Amor, o chefe, um arabe valente,
Famoso e grande como um rei da Persia.

E desde que se foram, nunca mais
Se armaram lindas tendas boreaes
Na minha vida, este Areal-da-Inercia...

I

DEPOIS de batalhar ardentemente
Pelo amor, pela fé, pela verdade,
Meu coração, heroe da meia-edade,
Cavaleiro leal, bom e valente;

Ao regressar das terras do Oriente,
D'uma cruzada em prol da christandade,
Para perpetuar sua piedade,
O Conde altivo, poderoso e crente,

Fez construir a cathedral do Sonho,
Poêma de granito rendilhado,
Epopeia de gothicos lavores,

Hoje um templo em ruinas e medonho,
Onde ele, o Coração, jaz sepultado
Sob o altar ainda em pé, que é o das Dores.

II

Oh Senhora das Dores, oh Piedosa,
Que ficaste velando o pobre Morto,
Doce refugio, hospitaleiro porto
Dos que andam nesta onda tormentosa;

Oh Virgem-Mãe, que, palida e chorosa,
Derramas dos teus olhos o conforto,
E unica luz nas sombras do meu Horto,
No transito da Via-Dolorosa:

Pois que só teu altar é o que existe,
Não o deixes, Senhora, solitario,
Não deixes tu meu Coração tambem!

Oh Senhora das Dores, vela o triste,
Pela tragedia escura do Calvario!
Por essas tuas lagrimas de Mãe!

III

Oh lagrimas de Mãe! oh feeria!
Que inda agora riscaes de intensa luz
A mortalha de treva em que Jesus
Dorme esperando inda o terceiro dia;

Oh lagrimas piedosas de Maria!
Chuva astral e benefica! reluz,
Tombando como petalas, na cruz,
— Fuzão d'oiro alagando um fim do dia!

Está tão longe o serro do Calvario,
Ai, tão longe de nós, que mal o avisto
Por entre o nevoeiro legendario!...

Oh lagrimas de Mãe, sêde, num mixto
De magua e luz, o cyrio funerario
No abandonado tumulo de Christo...

A um Poeta e pela Alma da esposa

OLHOS errantes!... A visão perpassa,
A branca aparição d'uma Saudade...
Como fontes então de claridade,
Esses olhos nublados de desgraça,

Numa chuva de bençãos e de graça,
Lançam um arco-iris de piedade
Sobre o fundo pavor da tempestade
Das nossas almas, d'esta noite baça...

Olhos errantes, n'uma evocação
Da linda Morta, a branca Aparição,
E o luaceiro, um oleo imaterial,

Cae da lua, sagrada e jaspea urna,
Com o silencio, a oração nocturna
Com que Deus abençoa o seu coval...

SOBRE o Mysterio (como em noite escura
Navega, incendiada, uma galera)
Vae a minh'Alma — quem a detivera! —
Ardendo numa tragica loucura...

Tenho frio e terror... E pela Altura
Radia em triumphante primavera
O Amor, rosa de luz; mas a Chimera,
Nas azas d'oiro, já me não segura...

A Vida! Eu amo a Vida! Eu amo o Fogo,
E busco a Sombra!... E em vão eu me interrogo
No circulo de enigmas que me cinge...

E, preso, o pensamento por que habita
Os recessos do Eu, onde palpita
O tenebroso coração da Esphinge?...

CHIMERAS, pombas d'um pombal aereo,
Já não vos busco, oh azas do esplendor...
Tornei-me num audaz mergulhador
Do insondavel Mar-Negro do Mysterio...

Quebrei a lyra onde cantava o amor,
Que é a porta da Vida — o cemiterio
Onde eu, Hamlet sarcastico e funereo,
Se canto, é para rythemar a dôr...

Ontem, porém, na minha escuridão,
Como cahisse um raio de luar,
Quasi me fiz no bardo d'outras eras...

E inda avistei, voando na amplidão,
Ao abençoar-me a luz de certo olhar,
O bando colombino das chimeras...

I

MEU Sonho ardente e audacioso brada:
— «Oh multidões, exercito disperso,
Eu sou do heroico e aventureiro terço
Que ha de tomar os astros de escalada!

«Irmãos, vinde commigo! Desfraldada
A bandeira do amor em cada verso,
Marchemos á conquista do Universo,
Desthronaremos Deus, numa arrancada!» —

Ele, porém, que triumphal avança,
Meu sonho, aguia real, que precipita
Seu vôo á tua busca, em vão se exalta!

Oh Pomba radial, nunca te alcança!
Bate as azas em vão e em vão se agita,
Oh Pomba branca, porque vaes mais alta...

II

E o meu sonho atravessa as nebulosas,
Vae de esphera em esphera, e continua...
Por sobre o lôdo é que despontam rosas,
Foi para a noite que nasceu a lua...

Em ondas de esplendor harmoniosas,
Ele bem sabe que o teu vôo flutua...
Suas azas, porém, são poderosas,
E emfim meu Sonho ha de beijar-te nua...

E descereis então sobre uma serra,
E um ninho ha de florir, e tão fecundo,
Tão branco que ha de ser como uma ermida

Piedosamente a abençoar a terra,
Como um pharol que vá guiando o mundo,
Alto Poema que descante a Vida!

CORAÇÃO incendiado de Poeta
Anda a boiar num vinho de esplendor,
Sobre as ondas de luz do teu amor,
— Fogo a bordo da Nau-Catharineta...

No meu corpo nevrotico de asceta
Relampagos de gloria e de valor...
— A Noite, o Monstro, a tenebrosa Dôr
Sangra, ferida de luzente setta...

E eu que tinha chorado tanto, tanto
As amargosas lagrimas do Homem,
Ao sol do teu olhar sequei o pranto.

Espinhos d'esse cardo, o Pessimismo,
Já me não pungem, já me não consomem,
E ordenei-me de Padre do Egoismo...

NUM corpo lindo um coração diamante,
Diamante que reluz no seu olhar...
— Oh Biblia de Harmonia, oh Radiante,
Sendo eu a noite e sendo tu luar;

Sendo a tua Alma a branca vela errante
Que voga sobre a minha — o alto-mar,
Onde um aventureiro tripulante,
Principe egregio, o Amor, vae a cantar, —

Porque é que o teu olhar — essa oração,
Esse canto de paz e de perdão, —
Porque será que a tua voz, sereia,

Não faz parar o turbilhão que dentro
D'este mar gira, o turbilhão da Ideia,
O torvelinho de que a Morte é centro?...

TAL como negra e miseravel lama
A resplender ao sol do meio-dia;
Como o Mar-Tenebroso em ardentia,
Ou como num carvão cerula chamma,

É uma estrela o coração que ama,
Astro feito de argila a mais sombria...
—Cavaleiros andantes de hoje em dia,
Que lutaes, cada qual, por vossa dama,

Oh Menestreis! e oh Virgens, oh pudor,
Sois sempre a lama que rebrilha ao sol,
E sempre, sob a luz, Mar-Tenebroso...

Quando a luxuria ladra, canta o amor...
Ela sempre: na voz do rouxinol
Ou nos rugidos do leão cioso...

NA sua egregia pompa e magestade,
Passou por mim o Amor, e eis que lhe grito:
— Oh rei dos corações, do meu proscrito,
Volta a reger a minha mocidade!

«Depois que te expulsei, na escuridade
Vejo um phantasma tragico e maldito,
Que eu não sei se é a sombra do Infinito,
Que é a sombra talvez da Eternidade...»

E logo o Amor me disse: — O que te assombra,
Esse phantasma é meu irmão — a Morte.
Não conhece a tua alma a propria sombra?...

«Quando eu brilho, mais ela se accentua,
Como sombra de cruz á luz da lua...»
E, dizendo isto, rebrilhou mais forte...

ASSIM falou o coração humano,
Numa voz de pesar inconsolavel:
«Chamam-me barro vil e miseravel,
E todavia eu sou um oceano...

«Sou o mar tormentoso e formidavel,
E sobre mim navega a todo pano
Uma sinistra frota, a do tyrano
E velho rei Desejo, o Insaciavel...

«Porém, na minha treva ha um luar
— O amor, a linda perola encantada...
Mergulhadores, vinde-me explorar...

«Embora! Nunca a roubareis do abysmo,
Que a perola do amor vive agarrada
Á rocha indissoluvel do Egoismo...»

I

TENHO estado a ouvir ha uma hora,
Alto, divino, um rouxinol cantar...
Oceano de harmonia em preamar...
Vae uma orchestra pelos campos fóra!

É o amor (que em ti canta e que em mim chora)
Que te faz, rouxinol, corporisar
Rimas lacteas, as bençãos do luar,
E estrophes d'oiro, os canticos da aurora...

Que grande, em teu mysterio, és, natureza!
Tambem me abraza o fogo da beleza:
Quero remil-o á treva do meu seio,

Mas o ardente Ideal, a intima luz,
Em vez de incendio, é fumo que o produz...
— Miseros versos, como vos odeio!...

II

Como te odeio, oh Arte, que procuras
Elevar-te á varanda do Ideal,
E que, em vez da ascenção, caes no banal,
Fugindo sempre á luz das Fórmas puras...

E, oh Icaro, que ineditas torturas,
Que inedito martyrio sem egual,
Quando, sem a atingir, vês a imortal
Beleza radiosa das alturas!

Prisioneira da humana contingencia,
Que dessa estranha raiva de impotencia,
Da chamma dolorosa em que te abrazas,

Que te queima, mas nunca te ilumina,
A Morte te fabrique duas azas,
E, miseravel, torna-te divina!

SINTO cahir da linha triumphante
Que refulge nos marmores d'outr'ora
Sobre o Sonho minusculo de agora
Catadupas de genio irradiante.

E procuro subir do abysmo hiante
Onde a Alma hodierna se debate e chora,
Por essa escada de Jacob, na aurora
D'essa epopeia homerica e gigante...

Em vão, porém, em vão! Sobre os meus hombros,
Esmagando-me, pesam os escombros
Dos seculos! Em vão, estatuas gregas,

E Santas bysantinas, cathedraes,
Linguas d'oiro e de pedra, nos chamaes:
As almas estão surdas e estão cegas...

I

MINHA terra embalada pelas ondas,
Lindo paiz de moiras encantadas,
Onde o amor tece lendas e onde as fadas
Em castelos de lua dançam rondas...

Oh meu Algarve, quero que me escondas...
Que na treva da morte haja alvoradas!
Hei de sonhar com moiras encantadas,
Se eu dormir embalado pelas ondas...

Quando o sol emergir de traz da serra,
Sempre será o sol da minha terra
A fecundar-me o chão da sepultura...

Ao pé dos meus, na minha aldeia querida,
A morte será quasi uma ventura,
A morte será quasi como a vida...

II

E PODE ser que em noites de luar,
Para ouvir-vos cantar lindas cantigas
Que eu vos tenha ensinado, oh raparigas,
Deus me faça a mercê de me acordar...

Com que saudade então hei de lembrar
As minhas belas ilusões antigas,
Minhas ardentes, limpidas cantigas,
Noites de amor e noites de luar!...

E a resgatar-me d'essa culpa linda
De na cová pensar no amor ainda
(Peccado lindo), numa dôr enorme,

Minha Mãe rezará pela minha Alma,
E abençoando-a com a palma
De Martyr, dirá: — Dorme, filho, dorme...

III

E, AMENDOEIRAS em flor, quero tambem
As vossas preces... Quando, como agora,
De véo branco, noivardes, campos fóra,
Vinde esfolhar-vos todas sobre quem

Sempre vos tem querido tanto bem...
Oh arvores de neve ou côr da àurora,
Quando estiverdes noivas como agora,
Flori-me a campa, rezae vós tambem...

Nesse instante, talvez, certa morena,
Não já rosa de amor, mas da paixão,
Olhando-vos, dirá com muita pena:

— Porque vestis de alvura o seu coval?
Ele que amava tanto a cerração
Do meu cabelo, o negro temporal!...

HA pouco ouvi contar numa esfolhada
A uma doce velhinha, que não mente,
Que certa noite, numa encruzilhada,
Ao dar da meia-noite, exatamente,

Uma estranha figura amortalhada
Aos seus olhos surgira de repente...
— «Alma d'algum suicida, Alma penada,
Condemnada a vagar eternamente...»

A ingenua crença, fonte de ilusão...
E todavia roçam-me tambem
Azas do medo, e sinto a triste historia,

Agora no silencio e escuridão,
Passar-me, desgrenhada, na memoria...
—...Herança de ancestraes ou voz do Além?...

ASSENTA a minha aldeia sobre os flancos
D'uma linda montanha, onde o olival
Faz destacar os seus casaes tão brancos
Que nem as pombas de qualquer pombal...

Oh profundos e tragicos barrancos,
Oh cannas verdes, branco amendoeiral,
E oh ribeira que espumas entre arrancos
De monstruoso e indomito animal;

Ao pé de vós, oh natureza rude,
Oh minha aldeia abençoada, eu vivo
Numa tão grande paz, em tal saude,

Em tanta luz, em tanto amor e calma,
Que até me julgo um homem primitivo,
De corpo um cavador e santo n'alma...

Do meu pequeno quarto de estudante
Olho os campos de Coimbra... Todavia,
Num estranho clarão de nostalgia,
Eu vejo outra paysagem mais distante...

Saudade evocadora! Deslumbrante,
Maravilhoso, numa feeria,
O meu paiz phantastico radia
Nas pompas gloriosas do Levante!

E vejo a Fonte-Grande, o sitio lindo
Onde eu compuz os meus primeiros versos
E de que o povo conta ingenuas lendas...

Janeiro. As amendoeiras vão florindo:
Da serra até ao mar fluem, dispersos,
Sonhos, noivas, luar e espumeas rendas...

I

Quid est veritas?

PILATUS ouve desdenhosamente
O longo clamorar da populaça;
Os legionarios cruzam pela praça,
Brilham zimborios sob o sol ardente...

A emergir d'um jardim que fica em frente
Uma esbelta palmeira no azul traça
Um perfil de triumpho... Ao longe passa
Um bando de alvas pombas, mansamente...

E, distrahida, emquanto o Rabbi fala,
A mulher do pretor esfolha um cactus...
(Lembra um pranto de sangue, á claridade

Velada e penumbral da grande sala...)
Mas Jesus emudece, e então Pilatus
Interroga, curioso: — «Que é verdade?»

II

JUNTO do Homem, tremulo de espanto,
Mythologicos deuses desthronados,
Os seculos desfilam, embuçados
No mysterio do Tempo, o escuro manto...

Oh vós todos, mendigos macerados,
Fome no coração, olhos em pranto,
Pretendeis conhecer qual é o *santo*
E a senha d'esses vinte conjurados?

Emquanto, aguia ferida, vôa a Ideia
Pela nevoa cerrada do Infinito,
De balde procurando a claridade,—

Como um echo partindo da Judéa,
Os seculos repetem esse grito...
Escutae...—«Que é verdade? que é verdade?»

I

Oh tristes mortos, fecham-vos em lousas,
Em mausoleus de pedra! Que impiedade!
— Aza da Morte, que jámais repousas
E enches de tua sobra a imensidade;

Quando tu me tocares, mãos piedosas
Lancem-me á vala; que o meu corpo há de,
Na eterna vida intima das cousas,
Resuscitar, volver á claridade . . .

Restituam-me á terra, á minha origem,
Á obra augusta e luminosa e santa
Da natureza-mãe. Do cemiterio

Eu fugirei, rolando na vertigem
Do furacão e vivo no mysterio
Da folha que ele arrebatar da planta . . .

II

QUEM sabe lá se a luz que há na materia,
O fogo que em mim arde, e chora e pensa,
Não foi o turbilhão, a vida intensa
Do pó que vôa numa ronda aerea?

Quem sabe lá se na amplidão immensa
Eu já não fui a claridade etherea,
Hoje tombado á lama da miseria,
Astro desfeito numa nevoa densa?

Eu quero, pois, que em atomos dispersos,
Meu generoso e forte Coração
Torne a pulsar no coração da luz...

Volta a ser, oh tumulto dos meus versos,
Verbo, florindo os labios de Platão,
Amor a arder na alma de Jesus!

Oh fome redemptora que nos feres
Com um punhal de fogo nas entranhas,
Tu, obreiro do Vicio, que arrebanhas
Para os bordeis as palidas mulheres;

Oh fome, oh onda amarga que nos banhas,
Sóbe, maré de fel! até encheres
Tudo o que existe, angustias e prazeres,
Vales, abysmos, pincaros e montanhas...

Como um signal de paz e de bonança,
Unir-se-ão num arco de aliança,
Depois d'esse diluvio e tempestade,

Ceos e terra. Por ele, do infinito,
Deus descerá, cançado de ser mytho,
A morar com a nova humanidade...

O HOMEM pelo homem devorado,
Os odios, assassinios, a traição,
Em lugubre e nocturna procissão,
Deslisam, como sombras, a meu lado...

Mas, circulos eternos do peccado,
Que giraes sobre um vento d'aflição,
Eu lanço-vos a benção do perdão
No carinho d'um pranto resignado...

Que vale mais a paz que as tempestades?
Que vale mais a estrela do que o lodo?
Bons ou maus, sois todos irmãos meus,

E unje-vos o meu dó, modalidades
Da Vida, o Grande-Amor, o Grande-Todo,
Que é uno, indivisivel, e que é Deus...

OLHOS sem par, castelos de violetas,
Paços reaes do Prince-Luar,
Torres de luz que as almas dos Poetas
Cercam em vão e tentam escalar;

Trevas que alumiaes, pupilas pretas,
Olhos lindos que sois como um altar
A que estes meus, em suplicas inquietas,
Tremulamente vão ajoelhar;

Olhos de intraduzivel amargura,
Olhos que tenho aqui, dentro dos meus,
E que, por isso, os vejo em toda a parte;

Nesta guerra sangrenta da loucura
Que move contra mim a mão de Deus,
Olhos, vós sois o rutilo estandarte...

Oh noites do Algarve enamoradas!...
Á beira-mar e em fontes crystalinas,
Com fusos d'oiro e em rocas argentinas,
Andam fiando as moiras encantadas...

Ai! que saudades! Sobre as esfolhadas,
Caem do céo as bençãos luarinas,
E a gente vê nas gothicas ruinas
Voar, bailando, as tunicas das fadas...

E scismam as ingenuas raparigas,
No romance d'um Rei e d'uma Infanta
Que uma velhinha acaba de contar...

Vão florindo nas boccas as cantigas,
Emquanto o amor nas Almas se alevanta...
Não é mais lindo e candido o luar!

PORQUE nasci ao pé de quatro montes,
Por onde as aguas passam a cantar
As canções dos moinhos e das pontes
Ensinaram-me as aguas a falar...

Eu sei a vossa lingua, agua das fontes...
Podeis falar commigo, aguas do mar...
E ouço, á tarde, os longinquos horisontes,
Chorar uma saudade singular...

E porque entendo bem aquelas maguas,
E comprehendo os intimos segredos
Da voz do mar ou do rochedo mudo,

Sinto-me irmão da luz, do ar, das aguas,
Sinto-me irmão dos ingremes penedos,
E sinto que sou Deus, pois Deus é tudo...

«... Dizem-me que as amendoeiras estão lindissimas... Quando eu as fôr ver por ti e por mim, já elas não teem flor...»

OH mais linda entre as lindas creaturas,
Sobre a tua cabeça preciosa,
Como chuva de petalas de rosa,
Caiam bençãos e ineditas doçuras!

Deslise a tua vida harmoniosa!
Que todos os meus males e amarguras
Te sejam descontados em venturas,
Oh doce, oh clementissima, oh piedosa!

Solto o colar de liriaes opalas,
Vêm cheias de luar as tuas falas,
Minha Santa Cecilia, minha Santa!

Meu amor, a tua Alma é bem a nota
A mais suave da harmonia ignota
Que Deus Nosso Senhor aos homens canta...

CHEIOS de paz e cheios de doçura,
Dão-me os teus olhos tanta claridade
Que a minha tormentosa noite escura
Se rasga em Vias-lacteas de bondade!

E vou na trajectoria da ventura,
E sigo a linha recta da verdade,
Por ti guiado, oh fragil creatura,
Tão forte em tua simples humildade!

Que o amor vos traga aonde o amor me trouxe,
Cegos que enveredastes pelo mal,
Pois nesta estrada chan, direita e doce,

A morte ajoelhará quando vier,
Ante a Vida, que a Vida é immortal,
Reflorindo num seio de mulher!

TAL como se desprende uma scintila
D'uma pedra ferida pelo aço,
Eu penso. O fogo livra-me do laço
Que me agrilhôa á Carne, á escura argila...

E nesta ascenção rútila e tranquila,
Neste vôo triumphante em que devasso
As Alturas reconditas do espaço,
A musica dos astros quero ouvil-a...

Subir! A Via-lactea rasga o luto
Do abysmo! Ursas, Centauro, Lynce, feras
De luz, vejo-as no mesmo olhar! E escuto.

E ouço e intendo o silencio... Ele é deveras
Como Verbo e linguagem do Absoluto,
A sagrada harmonia das Espheras...

1908-1916

PELO AMOR!

MEU coração — um atomo proscripto
Do coração de Deus — vôa na altura
E rasga a formidavel noite escura,
Tal como um radioso aérolitho...

Pelo amor! que é o anceio do infinito;
Que é na carne o esplendor da formosura;
Que na planta é aromas e é verdura;
E é cohesão na rocha de granito...

E é pelo amor que o meu coração ha de,
Numa espiral harmonica, tocar
De novo Deus, o centro do universo...

E então será de novo claridade,
Será lingua de fogo, onda e luar,
Será verbo divino em cada verso...

LUAR DO SUL

RESAM baixinho e docemente as fontes,
E extaticos, num sonho, e deslumbrados,
Commungam o luar, ajoelhados,
Florestas e casaes, vales e montes...

Fala o rio aos salgueiros, debruçados,
Das cidades que viu, das altas pontes...
Estão scismando, ao longe, os horizontes,
Dormem lá cima os astros, desmaiados...

Argentam-se, florindo, os arvoredos,
Transfigurados, sobrenaturaes,
E a chuva lactea bate-lhes em cheio...

Aclaram-se os mais intimos segredos
Na luz maravilhosa, e, virginaes,
Os lirios brancos lembram-me o teu seio...

FRANCESCA

«La bocca mi bacio tutto tremante»

É Dante quem me guia: olhos pasmados,
Eu desço a cada circulo infernal,
E detenho-me a ver os condemnados
Pelo amor invencivel e fatal . . .

Paolo e Francesca vôam abraçados,
Naquele eterno abraço, por seu mal;
E passam junto a mim, arrebatados
Do largo vento sobrenatural . . .

Mas neste horror sagrado em que me vejo,
Emquanto escuto á palida Francesca
A historia ingenua e singular do beijo

D'essa novela antiga e romanesca,
Sopra um vento mais alto: o meu desejo . . .
Ah! como é linda a tua bocca fresca! . . .

LUX

MYSTERIOSA lagrima tombada
Da pupila de Deus, a noite desce...
Já de longe me acena e me aparece
Certa visão bemdita e magoada...

Vem florindo de lirios toda a estrada,
Vem de mãos postas como numa prece...
Traz um manto diaphano. Parece
A branca anunciadora da alvorada...

Deixa um sulco de aromas e de luz,
E esta nocturna escuridão combate-a
Na radiação que o seu andar produz...

Interrogo-a. Responde-me: — «Não vês
Que andei descalça pela Via lactea?...
É da poeira que me cobre os pés...»

CAPTIVA

ANDA lá fóra a clamorar o vento,
E a sua aza colerica e insubmissa
Abala a porta secular, massiça
E chapeada de ferro do convento.

Ao baloiçar da lampada mortiça
Vagam as sombras pelo pavimento;
Resa o coro das monjas, num lamento,
E escuta e scisma a palida noviça...

Se fosse o vento o cavaleiro altivo
Que viesse buscá-la e a arrebatasse...
—«Ai, meu cabelo amado, d'oiro vivo,

Talvez ninguem m'o corte...» — De repente,
Acalma a ventania, e á linda face
Duas lagrimas descem lentamente...

INDOMITA

É UMA aguia sombria e temeraria:
Vae amalhar-se num algar profundo,
Depois que o sol sangrento e moribundo
Tomba, ao longe, na serra solitaria.

Nesse fraguedo inhospito e infecundo,
Quando a Noite sagrada e extraordinaria,
Trazendo a lua — urna funeraria —
Espalha cinza branca sobre o mundo;

Quando a galope, em seu corcel com azas,
E sacudindo o sibilante açoite,
Entre os uivos dos lobos, passa o Norte; —

Ela desperta, e, os olhos feitos brazas,
Intemerata, desafia a Noite,
E, gemea da minha alma, afronta a Morte...

A UMA VIOLINISTA

TEU milagre profundo não me espanta...
O que não pode a santidade vinda
De Deus, mudada em harmonia infinda?...
Cantas, e é Deus que nas alturas canta...

Sim, é Deus que nos mostras (porque és Santa),
Nessa harmonia que eu escutò ainda,
Que de onda em onda, cada vez mais linda,
Das tuas mãos de lirio se alevanta...

Adorêmo-la todos, oh sagradas
Florestas mysteriosas, mar lendario,
Oh corações, oh folhas arrancadas,

Tudo o que sonha e geme, inquieto e vario,
E vinde ouvi-la, em magicas arcadas,
Florir nosso clamor tumultuario!

GENEZARETH

I

No paiz de Galil. O sol, caindo,
Innunda em oiro os povoados syrios,
Campos de rosas bravas e martyrios
E os bosques onde cresce o tamarindo...

Donzelas de perfil trigueiro e lindo
Vão para a fonte. Os mercadores tyrios
Passam nos dromedarios. Chovem lirios
E púrpura e topazios, refulgindo...

Lago de Tiberíade, ao sol-posto!
Amethistas vogando sobre mosto!
Poisam pelos terraços pombas mansas,

Estrelam-se as romeiras de vermelho,
E no caminho, ao pé d'um cedro velho,
Jesus fala ás mulheres e ás creanças...

II

MAS anoitece. Vem das espessuras
Dos pomares aromas rescendentes;
Palpitam, gloriosas, transcendentes,
As primeiras estrelas nas alturas...

Murmuram os regatos. Ha doçuras
Pelo ar, ineffaveis e dormentes...
No Thabor, entre nevoas transparentes,
A lua nasce, derramando alvuras...

E a palavra do Mestre bem-amado,
Mais que o luar piedosa, entra nas almas...
E trazem-lhe presentes, — fructos, dahlias,

Jasmins de Chorazim e o mel doirado,
Os vinhos de Saphet e as verdes palmas,
E Magdalena oscula-lhe as sandalias...

SOBERANA

I

LINDA trigueira, olympica, orgulhosa,
Tu nem me vês sequer; mas não se afasta
O coração que para ti se arrasta,
O coração que pisas desdenhosa...

Surges: onda após onda radiosa,
Um simples gesto que desenhes basta
Para encher de harmonias toda a vasta
Abobada dos céos silenciosa...

Volvo os meus olhos para os teus, e vejo
Que o mar ao longe, soluçando triste,
Astros na altura que interrogo e fito,

Tudo quanto floresce, ou lirio ou beijo,
Toda a luz, todo o amor, por ti existe,
— Porque és, Mulher, o centro do Infinito...

II

RELIGIÕES, o misterioso anceio
De beleza immortal e de verdade,
Não as decifro olhando a immensidade,
É á luz dos teus olhos que eu as leio...

É um segredo a Vida eterna? Achei-o,
A dormir, a sonhar na castidade,
Na graça virginal, na claridade
Da curva harmoniosa do teu seio...

Podesse-o eu florir de amor profundo!
Podesse no teu seio altivo e forte
Lançar a chamma que arde no meu peito!

Fogo sagrado, o amor, verbo fecundo,
Havia em nós de triumphar da morte,
E Homem-Deus, eu seria então perfeito...

III

TU nem me vês sequer; e todavia,
Tu que és altiva, olympica, orgulhosa,
Serás minha — certeza gloriosa! —
Como o aroma é da flôr e a luz do dia.

Que o amor, linda trigueira, é a harmonia...
Ele é a força eterna e poderosa
Pela qual se condensa a nebulosa.
E o polen vôa sobre a ventania...

Graça, perfume, luz, azul ethereo,
Ninhos a palpitar, sonho ou misterio,
Espirito de Deus e Alma das cousas,

Faz-me seguir teu luminoso rastro
O amor que enflora e resuscita as lousas,
Porque a minha alma é noite e a tua é astro...

IV

QUEM sabe até se já não fôste minha?
Se este amor não será uma saudade?
Talvez eu fôsse espaço ou claridade,
E tu aza ligeira de andorinha...

Pois que é a vida? Um ponto sobre a linha
Infinita do tempo, a eternidade...
Porque tão alto amor, esta anciedade,
Se acaso o coração não adivinha?...

Amo-te muito, muito... e o meu amor
É a promessa rútila e formosa
De que hás de amar-me, como out'ora amaste

A nuvem de que foste resplendor,
Aquele caule em que tu foste rosa,
Ou a raiz em que tu eras haste...

ROMPER D'ALVA

NUNS penhascos de serra denegrida,
Pondo o ninho a florir, benção materna,
No rapido pendor d'uma caverna
Uma familia de aguias tem guarida.

E é essa poderosa e destemida
Dynastia real que ali governa
Quem, pelo amor, que é uma chamma eterna,
Veste as escarpas do esplendor da vida...

Mal rompe a madrugada, partem logo,
Voando em triumphal viagem louca,
Azas abertas, numa gloria ardente...

Assim o meu desejo, aguia de fogo,
Mal o accorda a manhã da tua bocca,
Ergue-se e vôa arrebatadamente...

DE LONGE

EM pavilhões de estrelas, sob as tendas
De luz, dormem os deuses; e ao luar,
Luar, de maravilhas e de lendas,
Transfigurou-se a terra num altar...

Da Via-lactea, das ethereas sendas
Cae um pó d'oiro e fica a flutuar...
Lirios, opalas, véos de noiva, rendas
Florescem e diluem-se no ar...

Noite de sonho e amores, rescendente!...
Que balsamica flôr é a que exhala
Tão doce aroma feminino e quente?...

E os sons que escuto, musicaes e esparsos?...
Conheço-vos!... Sois vós, halito e fala
D'Ela, a dona gentil dos olhos garços...

SOL-POSTO

TRÉMULO, sobe pelo ar dormente
Um *angelus* da tarde, magoado...
Um moinho de vento está parado
E parece escutar o som dolente...

Sobre as serras longinquas, ao poente,
Vae desmaiando o céo incendiado:
São as cinzas do sol esbrazeado
Que vão arrefecendo lentamente...

Resando ave-marias, na linguagem
Que é feita de silencio e suavidade,
Eu ouço a voz sagrada da paysagem...

E vaga, errante, harmoniosa e triste,
Canta em mim a voz d'oiro da saudade
D'um bem ou d'um paiz que não existe...

INTANGIVEL

No vôo em que me elevo a procurar-te
Mergulho no infinito, e até parece
Que um murmurio de cantico e de prece
Me embala e vae commigo em toda a parte...

E toda a sombra má desaparece,
E toda a luz é para iluminar-te,
A musica de Deus para cantar-te,
Por ti se enflora a terra e o sol aquece...

Por ti, que enches o mundo e não te vejo,
Onda incorporea e halito disperso,
Nuvem de sonho e fogo de desejo!

Por ti, que, diluida no universo,
És o dulçor que encontro em cada beijo,
A harmonia que busco em cada verso!...

VIRGEM-MÃE

UM cantico povôa a natureza
E tem mais esplendor que a madrugada
A noite religiosa e embalsamada
E mais que a propria morte tem grandeza...

Evocou-te a minha alma, e agora resa,
Num extasis profundo, ajoelhada,
Ao teu perfil de santa macerada,
Cheia de graça e cheia de tristeza...

Bemdita sejas tu, piedosa e linda,
Harmonia de amor e castidade,
Mulher que virgem ficarás ainda,

Depois de no teu seio lirial
Despontar, gloriosa, a claridade,
A redempção do leite maternal!...

MORS ULTIMA RATIO

EU penso em vós, Senhora, e ascendo logo
Num turbilhão de estrelas para a altura:
— Da luz do vosso olhar, que transfigura,
Teci para a minha alma azas de fogo...

Mar alto de esplendor! Emquanto vogo,
Aguia real indómita, á procura
Da ilha-d'Oiro encantada da Ventura,
Avisto ao largo Deus. Brado... E interrogo:

— Qual o misterio d'este amor profundo?
E aonde me conduz? aonde? aonde?
Onde me leva, arrebatado e forte,

O que auroras espalha e abala o mundo? —
Na voz da eternidade, Deus responde:
— Filho da vida, o amor conduz á Morte...

PARA O ALTO

NUVENS do pôr do sol! castelos d'oiro
Com bandeiras de purpura fulgente,
Tendas a arder ensanguentadamente
E alfanges a luzir em campo moiro!

Tombam as pedrarias, um thesoiro
De rubins e topazios ao poente,
E fundem-se na luz—um vinho ardente
A escorrer pelo ar, suave e loiro.

E, bebados, ao largo os horizontes
Entram a desmaiar numa tontura...
Choram, ocultas, timidas, as fontes,

E um pinheiral, a legião escura,
Filas cerradas, escalando os montes,
Immovel, sonha conquistar a Altura...

MONTERIA

I

HESPANHA. Serranias. O esteval
Agora está em flôr e o rosmaninho
— Estrelas e perfume. Em baixo, o vale
Sorri, vestindo verdejante linho.

Além, p'ra lá do rio, é Portugal...
Ondas de amor, saudades e carinho
Molham-me o coração... — Como fiz mal
Em vir para tão longe do meu ninho!... —

Escuto... Corta o matto da ravina
Um sulco rumoroso... O javali!
Vem correndo, seguido da matilha...

Estremeço. Desfecho a carabina.
Errei. Lá vae... Volto a pensar em ti,
Continúo a pensar na nossa filha...

II

A NOSSA filha e tu! E a crueldade,
Esta ancia hereditaria pela caça,
Ouvindo doces vozes de piedade,
Ajoelha, contricta, e resa e passa...

Amando-vos, oh Santas, quem não ha-de
Sentir-se bom?... Tocou-me a vossa graça...
Foi do sol que tombou a claridade
Com que o luar ungiu a noite baça...

Religiosamente, oh meus amores,
Postos em vós os meus cançados olhos,
Todos os males ante mim se somem...

Vou caminhando sobre um chão de flores,
Embora o homem lhe semeie abrolhos...
— Pobres das feras, infeliz do homem!

COIMBRA

TREMEM no céo, como doiradas palmas,
Os astros infinitos e distantes;
Fluem no ar perfumes ondeantes,
O sonho paira sobre as coisas calmas...

— Oh lua branca, tu, que o mar acalmas
Com efluvios magneticos, errantes;
Oh lua, emquanto em meio de descantes
O amor entorna lirios sobre as almas;

Emquanto as pombas dormem em socego,
Lança a benção do teu luar ethereo
Ao rouxinol que á beira do Mondego,

Na pacificação da noite, canta
Esse lindo milagre, esse mysterio
Das rosas d'oiro da Rainha-Santa...

PAYSAGEM RUSTICA

DESDOBRAM-SE do açude arruinado
Franjas de espuma tremulas. Trigueira,
Gentil e moça, lava na ribeira
Uma mulher de braço arregaçado.

Um lavrador, na terra sobranceira,
Cercada de piteiras e valado,
Fala alto aos bois e inclina-se ao arado:
O filho, atraz, espalha a sementeira.

Branquejam, a enxugar, roupas de linho,
E na ladeira proxima reluz
Uma enxada a cavar. Passam em bando

Abibes, e um rapaz, sobre o caminho,
Malicioso, espreita os braços nus
Da lavadeira, a trabalhar, cantando...

BOCCA

IRROMPE, feito Verbo, o pensamento
Pela bocca, e na graça d'um sorriso
Descobre o nosso olhar o paraiso
Num fulgurante e rapido momento.

Da bocca sae o cantico e o lamento;
As lindas rosas da manhã diviso
Na tua bocca, e em beijos corporiso
O meu desejo rútilo e sangrento . . .

Folha revolta, arrebatada palma
Do vento impetuoso da paixão,
A teus pés, cahindo-te a minha alma,

Arde em mim, Bem-Amada, a ancia louca
(Para sentir melhor teu coração)
De colar ao teu seio a minha bocca . . .

NOSTALGIA

NAQUELA torre, alcáçar de reis moiros,
Entram phantasmas por ocultas sendas,
Torre de historias más, torre de lendas,
Torre de encantamentos e de agoiros...

Á meia-noite, aos altos miradoiros
Vêm assomar aparições tremendas,
Tinem punhaes e ha gritos e contendas,
E resa a fama que ali ha tesoiros...

Fui lá ter uma vez a horas mortas,
E intemerato, o coração valente,
Bradei:—«Filhos de Agar, abri as portas!

Quero viver o Sonho do Passado,
Ser sombra como vós, porque o presente
É o ermo em que eu ando desterrado...»

O ALTITUDO!

TALVEZ que quanto existe não exista,
Que seja tudo um ponto, uma chimera,
Só dentro em mim floresça a primavera,
E a côr seja o sonhar da minha vista...

Talvez que o serro de nevada crista,
Prantos e gritos, o rugir da feràˆ,
Velhos castelos revestidos de hera,
Tudo seja a ilusão que me contrista!

Mas se é tudo um engano dos sentidos,
Se o som apenas vibra em meus ouvidos,
E o meu dia é lá fóra a noite escura;

Porque é que no vazio universal,
Onde o que sinto e palpo é irreal,
Só como sonho vão acho a ventura?

MINHA IRMAN...

EM turbilhão, das sombras d'um silvedo,
Num pulo repentino e formidando,
A ribeira cae d'alto, e vae rolando
E espadanando espumas no fraguedo...

Sobre o abysmo e do topo d'um rochedo,
Uma figueira brava, balouçando,
Ergue os braços, arbusto miserando,
E abre as mãos verdes com espanto e medo.

— Velha figueira esteril e selvagem,
Aflita e debruçada na voragem,
Irman inconsciente e dolorida!

Invisivel raiz prende-me á terra,
Suplico em vão tambem, tambem me aterra
Uma torrente tenebrosa — a Vida...

ALMAS ERRANTES

I

A ARDER, num pavor alto, sobre a serra,
Chaga aberta no dorso da montanha,
A lua, côr de sangue, nasce e banha
De sangue o luto e a escuridão da terra...

Ha bruxedos no ar, e a sombra aterra...
E uma figueira morta — enorme aranha —
Contorce os braços, suplicante, estranha...
— Tudo signaes de fome, peste e guerra!...

Caminho escuso, proprio para assaltos,
Todo ele orlado d'arvores e furnas.
Sinistramente, vôam entre os altos

E velhos pinheiraes rumorejantes
As aves agoirentas e nocturnas...
Resemos... São talvez almas errantes...

II

ALMAS errantes... Para além da vida,
Que mysterio se esconde? — Na azinhaga
Anda o vento a rugir a antiga praga,
E a lua empalidece na subida...

Quarto minguante: agora é uma adaga
Fina e recurva pelo céo perdida...
Luzem vitraes ao longe numa ermida,
Marulha o rio e vae de fraga em fraga...

Na velha ponte, de sombrios arcos
O sonoro tropel da cavalgada
Põe um rumor altivo de combate...

Já sobem na maré velas de barcos,
Brancas e vagarosas. Madrugada...
Tinge-se o oriente d'oiro e de escarlate...

PESADELO

O corpo dorme, e a alma está desperta:
Assisto ao desfilar do proprio enterro,
Caio aos abysmos, sobre as nuvens erro,
E um nó de forca na garganta aperta...

É ele, o pesadelo! E brada:—«Álerta!»—
E echôa em mim a sua voz de ferro...
—«Álerta está!»—responde a insomnia, e cerro
O olhar de balde á claridade incerta...

—Deixa-me!—peço-lhe eu. Responde:—«Aguarda
A outra sentinela... A minha irman
D'aqui a pouco vem render a guarda

Á tua noite dolorosa e van»...—
E com efeito a insomnia nunca tarda,
E vem rondar-me o leito até manhan...

ÉTERNA TEMPESTADE

POR horas mortas, alta noite, quando
O vento alucinado ruge e passa,
E desgrenha, e sacode, e despedaça
O cedro secular e venerando;

E, em torno do casebre miserando,
Ladainhas de agoiro e de ameaça
—Portador de más-novas e desgraça,
Sacerdote sinistro,—vae resando;

—É que outro vendaval, mais alto e forte
—O pensamento—me arrebata e leva
—Aonde? nem sei onde...—em turbilhão...

—Petrificado na mudez da morte,
Quem te dera dormir, na paz da treva,
Parado, extincto, oh fogo, oh Coração!

MEDO

JANEIRO. Num crepusculo cinzento,
Coado pelas nuvens, a montanha
Cae em silencio e na atitude estranha
De monstro pensativo ou somnolento...

Não sei que susto ou que presentimento
Teimosamente o espirito me ganha...
Que sombra pavorosa me acompanha,
Me toma e me perturba o pensamento?...

Caveira diabolica e macabra,
A lua tem ironicos sorrisos,
Ao alto, muito livida e redonda...

E temo, espavorido, que o chão abra,
E surjam d'ele os vultos indecisos
D'alguma negra, mortuaria ronda...

ESTATUA DO CAVADOR

(a Costa Motta)

ERGUEU-SE o genio, e nesse vôo bemdito,
Tocou sua aza a minha inercia, e logo,
Marmore, estremeci, — fui sonho e fogo,
Subindo em espiraes para o infinito...

E, sangue e vida e angustia, clamo e rogo
Á terra que dê pão, e amo e palpito,
E emquanto cavo, celebrando um rito,
Horizontes e nuvens interrogo...

Cavo a terra! Cavar: santificar,
Benzer, remir a argila secular
Pela força e beleza, pelo amor!

Cavar! E o som da enxada reproduz
A palavra de Deus: — «Faça-se a luz!» —
E a luz é feita transmudada em flor...

SPHYNGES

A noite: oh pensamento, eis teu imperio!
Oh chimera, desdobra as azas! corta
Oceanos de fogo e a treva morta,
Num vôo ardente, intemerato, aereo!

Subir! Ao longo do caminho ethereo
Ha sphynges d'oiro — os astros... Não importa!
Decifra cada enigma e arromba a porta
Do alcáçar encantado do Mysterio!

E o pensamento vae numa vertigem...
—«Alem dos soes—pergunta—o que se esconde?»—
E as estrelas perguntam, de seu lado:

—«E quem és tu? qual é a tua origem?»—
E como o pensamento não responde,
Pelos monstros de luz é devorado...

ETERNO ESCRAVO

GIGANTE, semi-deus, extraordinario,
Fecundo a Terra-mãe, e sem embargo,
Morro á mingua de escasso pão amargo,
Escravo sempre, servo milenario...

—Resigna-te... diz Christo no Calvario...
—Revolta-te!—diz Spártacus num largo
E formidavel grito. E o peito alargo,
E pulsa o coração tumultuario...

E emquanto a voz de Christo passa e vae,
Echo perdido ao vento, e sobre a nevoa
Seu debil vulto se dissolve e esbate,

Eterna, á voz de Spártacus, meu pae,
A minha propria voz dorida elevo-a
Num hymno de justiça e de combate...

OREMUS

AJOELHO ante o seu berço, e os olhos fito
Onde ela o vago olhar ingenuo eleva...
Que mystica harmonia então me enleva,
E como esplende a curva do infinito!

Bemdito, oh Mãe, o nosso amor, oh Eva
Imortal e feliz! Seja bemdito
O beijo que acendeu um aerolitho
Por sobre a nossa desolada treva!

Floresce e canta agora o nosso ninho,
E oh milagre suave de bondade!
Cada gota de leite que o filhinho

Em ti mamma, é uma hostia sacrosanta,
É vida, é sangue, é alma, é divindade,
—É Deus Nosso Senhor que se alevanta...

NON OMNIS MORIAR

SE a curva do teu seio reproduz
A curva do infinito, e dele brota
Em cada doce, pequenina gotta
De leite maternal jorros de luz;

É porque eu acendi e nele puz
O amor — fogo imortal; e na derrota
Em demanda de Deus — a ilha ignota —
Esse clarão bemdito nos conduz.

Por este mar da vida, out'rora escuro,
Já vae subindo a nevoa do Futuro,
E ao longe, atravez d'ela, já rebrilha

Outro pharol mais alto que nos salva
Do naufragio da morte — a estrela d'alva
Do dia em que fôr mãe a nossa filha...

SULAMITES

Cant. dos Canticos, cap. VII,
vs. 7, 8, 9, 10, 11 e 12.

A tua alta estatura é comparada
Com a palmeira em languido meneio,
E são dois cachos de uvas o teu seio,
Suspensos da palmeira, oh Bem-Amada...

Subirei á palmeira delicada
E colherei seus fructos sem receio...
E a tua bocca é como um pomo cheio
D'uma essencia a mais doce e perfumada...

Tua garganta, inebriante vinho,
Hei de a saborear devagarinho,
Que tu és para mim e eu para ti...

Ergamo-nos e vem, de manhanzinha,
A ver se ha já romans, se ha flor na vinha,
E vem dar-me os teus peitos mesmo ali...

PRIMEIRA ESTRELA

SOL-POSTO já de todo. Violetas
Feitas de luz, imponderalisadas
Tombam do céo nas altas cumeadas
E esfolham-se no rio d'aguas quietas...

Riscam o ar de escuras silhuetas
Os vôos das andorinhas. Das arcadas
Da velha ponte surdem as barcadas,
E vêm florindo espuma as quilhas pretas...

Das verdes espessuras d'uma horta
Emerge uma canção dolente, e corta
A mudez melancolica da tarde...

É quasi um echo, um som longinquo e brando...
É a voz do crepusculo cantando...
Syrius acorda ao alto, e treme, e arde...

AMOR-VICTOR

EMQUANTO a Noite, hieratica, diz missa
Á luz da lua — o candelabro velho
E heraldico de prata — eu ajoelho
E penso em ti, oh palida Noviça...

Todo o esplendor do céo é luz mortiça
E o turbilhão astral mesquinho espelho
Ante este amor indómito e vermelho,
Esta chamma a rugir, alta e insubmissa...

E arrebatar-te-hei! No sacrosanto
Beijo imortal que á tua graça e vida
Unir meu sangue impetuoso e forte,

Tocaremos, subindo, Deus, emquanto,
Cá baixo, escrava, a nossos pés, vencida,
Ha de abater o vôo sombrio a Morte!

NEVE

DEZEMBRO. Noite de luar. Cae neve.
Toda a paysagem barbara, o caminho,
A penedia e o vale ermo e sósinho,
Embranqueceu, transfigurou-se em breve...

E a chuva fina e alvissima de arminho,
Trémula e aerea florescencia, deve
Cahir da propria lua, tão de leve,
Tão lactea e fria cae, tão de mansinho...

A neve cae... Silencio... A natureza
Tem a brancura ascetica dum monge,
Numa espiritual, ingenua resa...

Calou-se a voz sinistra dos barrancos...
A neve cae... Silencio... Ao alto e ao longe,
Palpitam, esfolhados, lirios brancos...

DE JOELHOS

COMO os leões que o beluario solta,
—Ao ver teu corpo lirial, perfeito,
Do coração, a jaula em que os sujeito,
Sahiram-me os desejos em revolta...

Subito, pára, cheia de respeito,
Toda essa infrene e temeraria escolta,
E, silenciosa e humildemente, volta
A esconder-se de novo no meu peito...

É que dois lindos ramos de lilaz,
Duas bandeiras brancas se hão erguido
Á turba-multa suplicando paz:

Teus seios virginaes, as duas urnas
Onde o luar coalhou, e, adormecido,
Sonha longinquas musicas nocturnas...

AGUA INDOMITA

Foi uma noite brava, de tormenta!
Muito choveu! Desde esta manhan cedo
Boiam gados e troncos de arvoredo
Pela ribeira indomita e barrenta.

Treme a ponte mourisca e não se aguenta,
E os corações apertam-se de medo...
Descem, rasgando montes e fraguedo,
Aguas rolando, e a inundação aumenta...

Parece um oceano! Invade tudo...
Sobre o tecto de colmo d'um moinho
A moleira ergue ao colo uma creança...

E vê, o olhar petrificado e mudo,
Subir a cheia... Abraça-se ao filhinho,
E o inexoravel turbilhão avança...

GRATIA PLENA

ESSA que é linda, palida e morena
E só por me enlear o pensamento,
É meu enlevo e meu contentamento
E, por não merecê-la, a minha pena;

D'uma beleza timida e serena
E passo musical, airoso e lento,
Lembra-me um lirio baloiçando ao vento,
Cheia de graça e mimos de açucena...

Ouvi-lhe um dia a voz—ouvi um canto...
E seus olhos ungiam de luar
A minha noite amargurada, emquanto

A minha aspiração, ardente e louca,
Abelha d'oiro, andava a susurrar
Na manhã virginal da sua bocca...

PLENA SERRA

NA maravilha do luar silente
A serra lembra um mar petrificado
—Cadaver d'algum Deus amortalhado
Num linho imponderavel e fulgente...

Sôa um uivo longinquo e prolongado,
E na lomba d'um serro, de repente,
Um lobo assoma fugitivamente...
Ao largo, solta o vento o antigo brado.

Uma nuvem que passa nas alturas
Põe um monstro de sombra a galopar
Na paysagem dorida e macilenta...

E um sobreiro, que, a arder, rasga as alvuras
Do algido sudario do luar,
É um punhal de luz sanguinolenta...

CREPUSCULO

NUMA linha quebrada e em fundo d'oiro
A cidade recorta-se ao poente...
Na vaga luz imovel e dormente,
Avulta a sombra d'um castelo moiro...

Uma glycinia, em cachos, rescendente,
Debruça-se d'um velho miradoiro.
Portador de más-novas e de agoiro,
Paira um corvo no ar, sinistramente...

Será talvez algum dos meus que morre...
E em vão combato a morbida lembrança,
E ponho-me a esperar que numa torre

Dobrem sinos... E tremo, horrorisado...
(Meu Deus! se fosses tu...) A noite avança.
Sóbe das coisas um pavor sagrado...

ROCHEDOS

SOMNAMBULA, doente, desmaiada,
A lua arrasta a livida mortalha...
E os rochedos têm gestos de batalha,
Sombria legião petrificada...

Espirito malefico, a nortada
Na floresta druidica trabalha,
E tem pragas, soluços, geme e ralha,
Alucinadamente e desgrenhada...

Velhos titans vencidos, os rochedos
Em crispações de colera, em arrancos,
Conspiram longamente... Que segredos

As aguias ouvirão em suas furnas,
Emquanto, occultas, rondam nos barrancos
As sombras vagarosas e nocturnas?...

CIGANOS

I

DESFILA a multidão, exhausta e lenta...
O ar, a flama transparente, abraza
E ao largo treme na planicie raza,
Cortada pela estrada poeirenta.

Dá tonturas o sol e a sêde augmenta...
No azul imovel não palpita uma aza,
Não bole folha, nem alveja casa
Sob a luz ofuscante e somnolenta...

Quebra o silencio o grito das cigarras,
E ha canções guturaes, de quando em quando,
Barbaras, langorosas e bizarras...

E a ameaçar o miseravel bando,
Eriçam-se as piteiras — verdes garras
De monstros subterraneos, espreitando...

II

SOBRE a tarde, a charneca alemtejana
Entrou a aveludar-se de azinheiras...
As mulheres, esqualidas, trigueiras,
Vão descalças, fechando a caravana...

Espuma torva da maré humana,
Vagabundos, sem patria, pelas feiras,
Servem-lhes os farrapos de bandeiras...
— Como será o amor d'uma cigana?...—

Ha um rumor de alarme, ladram cães,
Ao passarem ao pé d'um povoado
Entre arvores pacificas e velhas...

Cerram as portas, timidas, as mães...
Descae o sol. Nas sombras d'um montado
Afastam-se, a sangrar, cintas vermelhas...

III

O AMOR d'uma cigana!... Tumultua
Ao clarão das fogueiras o arraial...
Reflexos homicidas de punhal
Mordem a sombra tragica e sem lua...

Na solidão recondita flutua,
Em ondas, uma trança nocturnal,
Negro estandarte do paiz do Mal,
Sobre uma espadua palpitante e nua...

O amor d'uma cigana!... Sob as tendas
Os mais velhos celebram as legendas
Da sua antiga e perseguida raça,

Aventuras, incendios, mortes, roubos...
Phosphorecem na treva olhos de lobos:
São os ciumes a agoirar desgraça...

MARGARETH

CORPINHO tenro e lindo e sem peccado,
Cahiu á terra, e logo a terra o ergueu
Religiosamente para o céo,
Hostia d'amor em rosas transmudado . . .

E o coração da Mãe, ajoelhado
E envolto de tristeza — o negro véo, —
Comunga o proprio sangue que lhe deu,
No perfume que sae do chão sagrado . . .

Quando ámanhã tiver que dar o peito
A outro pequenino, ha de sentir,
Aconchegando-o num abraço estreito,

Que a estrela da manhã que se apagou
De novo a vem guiar e refulgir,
— Que é a sua filhinha que voltou . . .

DE PROFUNDIS...

MARÉ de treva e medos e ameaça,
Vinda das fundas solidões internas,
A Noite assoma á bocca das cavernas
E vem subindo em ondas e esvoaça...

Resa a floresta, quando o vento passa,
E ardem os astros — palidas lanternas,
Errantes, atravez noites eternas,
Lá pela altura enevoada e baça...

As pacificas moitas dos arbustos
Assumem fórmas, proporções bizarras,
E o seu mysterio, nesta hora, assombra...

E o coração debate-se entre sustos,
— Nas traiçoeiras, invisiveis garras
Do esphyngico leão chamado Sombra...

VOZES DA SELVA

UMBELAS verdes de setim e d'ouro,
Pinheiros mansos descem para o mar,
Em procissão, solemnes, a resar
A grave, imensa ladainha em côro . . .

— Bemdita seja a chuva, o longo chôro
Vertido pelo céo! Bemdito o ar!
Bemdito seja o vale e a serra — o altar
Onde a hostia é o sol ardente e louro!

E nas estradas passam os mendigos,
E respondem: — Bemdita, oh bons amigos,
A sombra que nos daes, pelo calor!

E o pinhal, com seus braços côr de esp'rança,
A sua benção novamente lança
Na voz dos rouxinoes: — Bemdito o amor!

DEUS, ECCE DEUS!

QUANDO as estrelas lucilantes mordem
E ensanguentam a sombra do infinito,
E passa a dor humana sem um grito,
Com medo de que os tumulos acordem;

Ergo lá cima os olhos, e medito...
... O mysterio do ser, a luz, a ordem...
— Que me importa que os astros me recordem
Que é bem pequeno o mundo onde eu habito?

O Sonho, espiralando, abrange tudo,
E a esphynge eterna, Deus, ignoto e mudo,
Vem revelar-se e a sua face brilha!

E canta! e enche de rythmos o universo!
Meu amor, Deus concentra-se num berço:
Ouve-o... Chama por ti a nossa filha...

MENS AGITAT MOLEM

ALTOS rochedos, balaustres, urnas,
Porticos, varandins tumultuarios,
Architetura doida, campanarios
D'estas egrejas gothicas — as furnas ;

Celebrando seus ritos funerarios,
Eu ouço nestas cathedraes soturnas
Resar o mar as orações nocturnas
E os sete psalmos penitenciarios...

E espiritos errantes sobre as aguas,
Almas dos mortos nesse sorvedoiro,
Redes de nevoas, ventanias, maguas,

Quanto é sombra e soluços e presagios
Vem contar o romance imorredoiro
Dos navios perdidos nos naufragios...

UNUS ET TRINUS

SEU evangelho a letras d'oiro escrito,
Seu lutuoso manto de rainha,
Hieratica e sagrada, a Noite vinha
Celebrando os mysterios do seu rito...

E senti que a minha alma era sósinha!
E sendo a unica luz e unico grito,
Fui o proprio silencio do infinito,
E a sombra imensuravel era a minha...

E Verbo, e Fiat, e Universo inteiro,
Eu fui então o ultimo e o primeiro.
Mas da minha unidade eis que nasceu

Um vulto mavioso e feminino...
Um mysterio encarnei, fui uno e trino:
Deus foi o meu amor, e tu, e eu...

PALAVRAS D'UM PINHEIRO

I

EU sou o avô do pinheiral lendario:
Quando rompi da escuridão da terra,
Só penedias avistei, e a serra,
Erma de dia, á lua era um sudario...

Cantava o vento canticos de guerra,
O mar cantava, monge solitario,
O seu eterno, lugubre rosario,
A ladainha barbara que aterra...

E acompanhei, resando e erguendo os braços
Para as glorias da luz, para os espaços,
O mar e o vento, em coro secular...

Irmão mais novo d'estes dois prophetas,
Azas do vento colossaes, inquietas,
Trazem-me a chuva que me envia o mar...

II

Em seus corceis de ensanguentados flancos,
Cruzados vi passar pelos caminhos;
E eu abrigava já doces velhinhos
De grandes barbas e cabelos brancos...

Nas minhas verdes mãos amparo os ninhos;
Mendigos, foragidos, saltimbancos,
Já não dormem na sombra dos barrancos,
Que a todos eu dou tecto e dou carinhos...

Pinheiro manso, espalho a mansidão,
E dei a vida á solidão funesta,
Derramando sementes pelo chão...

Eu sou o patriarcha centenario
Do venerando povo da floresta,
Eu sou o avô do pinheiral lendario...

UMBRA MATER

I

LÁ vem a Sombra! Mãe piedosa, embala
Nas suas mãos pacificas de Santa
A Noite enferma, e a sua voz levanta
Nas nossas almas um luar d'opala...

Lá vem a Sombra! Emquanto o medo cala
E afoga a voz do homem na garganta,
Na intima voz das coisas, ela canta,
Prodigiosa e linda, a Sombra fala...

Resam os pinheiraes, choram as aguas,
Estremecem os astros e as raizes,
Acorda e escuta em extase a montanha...

E um rouxinol soluça as suas maguas,
A balada de amores infelizes,
A sua errante nostalgia estranha...

II

O ROUXINOL! o genial estheta!
Saudoso, melancolico avatar
D'algum divino artista singular,
De transcendente e palido Poeta!

Boiam perfumes tepidos no ar,
De laranjaes em flôr e violeta...
E indefinida aspiração inquieta
Entra a subir, a arder, a palpitar...

E a Sombra, mãe piedosa, ergue do pó
E prende ao céo a escada de Jacob,
O fulgido, imortal sonho d'amor...

E o coração, transfigurado agora,
Novo Israel, — até que rompa a aurora,
Combate Deus e fica vencedor...

MENDIGA

I

— ALEMTEJO. Charneca. Nem um monte...
Tão tarde aonde irei pedir pousada?...
E na cheia da ultima chuvada
O rio não terá galgado a ponte?...

A colera de Deus, alta e sagrada,
Anda a rugir em vendaval... Defronte
(Senhor! misericordia!), no horizonte,
Já se acinzenta e avança a trovoada...

Já o granizo bate nas estevas...
D'aqui a pouco dois carvões em braza,
Olhos de lobo, vão luzir nas trevas...

Jesus! Jesus! que ao menos não se afoite...
E andar leguas e leguas sem ver casa,
Ó agonias, ó pavor, ó Noite!...

II

— CHUVA. Trovões. Relampagos — na algente
Escuridão do ar lividas chagas...
E o vento clama em vozes aziagas,
— Diabos á solta atormentando a gente...

Quem fôra bruxa para de repente
Ganhar azas, voar, semear pragas,
Ir ao sabat, e pelas azinhagas
Uivar, uivar, uivar, sinistramente...

Antes cahir nas maldições eternas,
Vender a alma do que a minha sorte!
Lobo covarde, sae d'essas cavernas!

Tens esta carne e não a dilaceras!
— Vida de fomes, seja a minha morte
Um festim sanguinario para as feras...

III

— E ÁMANHÃ, ao romper da manhã, quando
O lobo se afastar a passos lentos,
Ó corvos impios, corvos agoirentos,
Que a morte andaes no ar apregoando;

Aves do crime, vinde em negro bando,
Atravez de aguaceiros e dos ventos,
Crocitar, disputar sobre os sangrentos
Vestigios do meu corpo miserando!

E, juntos, batei azas! Que pareça
A quem passar ao largo um pano d'eça
Esfarrapado pelos vendavais!

Depois soltae uns lamentosos gritos!
— Tragica morte, deve ter malditos,
Barbaros, espantosos funeraes!

IV

E, ALMA! luz moribunda que iluminas
As minhas amarguras derradeiras,
Vago luar na rama das palmeiras
E em velhas torres, altas, em ruinas;

Ó luar do Jardim das Oliveiras,
Morre em sonho, em translucidas neblinas,
No Oceano do Além, em tremulinas,
Como um canto longinquo de ceifeiras...

Morre, ó minha Alma, e nunca tu revivas
Nas formas contingentes e captivas
Do barro humano e miseravel, nunca!

Sê a fulminação d'uma scentelha!
Sê a vingança indomita e vermelha
Na força e raiva d'uma garra adunca!

MEHR LICHT!

LUZ! luz! Pelas alturas silenciosas
Ardem as almas, germinando em soes...
Sangue de Christo — luz! Os rouxinoes
Traduzem o esplendor das nebulosas...

Covas de mortos, boccas sequiosas,
Bebem a luz nos corpos dos heroes,
Sonham nos fogos fatuos arreboes,
E cantam luz em borbotões de rosas...

Só o meu sonho e aspiração inquieta
Que para ti, Senhora, me conduz
N'uma attracção ignota que me assombra,

É fundir-me na sombra que projecta
Teu vulto singular! Em vez de luz,
Ai, quem me dera ser a tua sombra!

DEANTE DO ASTARTEION

A TARDE é d'oiro e ambar, em poalhas,
E cae, desfeita em rosas, na bahia,
Arde em linguas de incendios e radia
Em lanças e broqueis, sobre as muralhas...

— Pelo Mediterraneo, em calmaria,
Aphrodite-Astartéa! és tu que espalhas
A purpura sangrenta das batalhas,
Teu proprio sangue sobre Alexandria! —

E ha brancuras esparsas: vêm do Nilo
Vôos de ibis, florindo o ar tranquilo;
E nos jardins da Deusa, como luas,

Marmores fulgem, e palpitam, brancos,
Na sombra dos sycómos os flancos
Seios e braços de mulheres nuas...

HORA ROXA

CADA nuvem agora é um cabaz
D'oiro entornando pelo ar violetas,
As rosas da paixão e as rosas pretas,
Os cachos de glycinia e de lilaz...

E assomam astros — palidas vedetas,
Silenciosas, com que a noite faz
A sua anunciação! Hora de paz
E de resignação d'almas inquietas...

Hora em que a freira, tysica e professa,
Agonisa, e vacila e se alevanta
E se desdobra a sombra em pano d'eça...

E o céo de purpura é, da sua alcova,
Um palio roxo em sexta feira santa,
E é a foice da morte a lua nova...

ÁS PORTAS DE FEZ

I

Á hora da azalá de azohbi.

—«ALLAH Akbar! Allah Akbar!»—E o claro grito
Canta ao vago luar da antemanhan
As altas glorias imortaes do Islam,
E sóbe, e vae perder-se no infinito...

—«Allah!...»—Só ele é grande, e está escrito
Que a vida humana é transitoria e van...
E ha desmaios na verde Aldebaran,
E incendios d'oiro elevam-se do Egypto...

Dorme ainda o aduar. Uma palmeira,
Junto ás muralhas da cidade santa,
Inclina-se e abençôa uma cisterna...

Num minarete sangra uma bandeira...
E a voz do muezzin de novo canta,
E sonha, e esvae-se Além, na Sombra eterna...

II

Á hora da azalá de adoha.

DROMEDARIOS em fila, e as espingardas
Reluzindo aos fulgores matutinos,
Em longas caravanas, beduinos
Semeiam na paysagem manchas pardas...

Nos altos torreões perpassam, finos,
Os vultos dos guerreiros. Graves, tardas,
Rendem-se ás portas da cidade as guardas;
Sons de trombeta vibram, argentinos...

Emerge, altiva, a despedir scentelhas,
Uma cupula d'oiro, onde o sol bate...
(Allah seja bemdito!) É Muley-Driss... .

E, perto e longe, anémonas vermelhas
— Oh! o esplendido campo de combate! —
Flamejam, ensanguentam a planicie...

III

Á hora da azalá de al-magrib.

ALTOS muros de Fez, altas ameias,
Mordendo as nuvens d'oiro, em ameaça,
Guardando o somno antigo duma raça
Cujo sangue palpita em minhas veias...

Por sobre Karuin e as açotéas
Um vôo de cegonha alveja e passa...
Uma nevoa de rosas esvoaça
Do mar até as lybicas areias...

A hora do Moghreb, a hora santa...
—«Allah Akbar! Allah Akbar!» Cravos vermelhos
Morrem, longinquos, em festões, na serra...

E a voz do muezzin de novo canta...
De joelhos os crentes! De joelhos
A propria noite vem resar na terra...

IV

Á hora da azalá de alatema.

COMEÇA o ramadan. A lua neva,
Esfolha lirios e desdobra rendas
Nos bastiões decrepitos, em fendas,
E um som longinquo de guitarra enleva...

Abrem-se ogivas, boqueirões de treva,
Para beber esse luar de lendas...
Cessa o rumor no circulo das tendas:
A voz do muezzin inda se eleva...

—«Allah Akbar! Allah Akbar!»—De cada torre
Sae esse canto, e num murmurio morre...
Orar: dizer á fé:—Oh aguia abala!

E que a tua aza ardente nos transporte
Além da vida!—Orar: dizer á Morte:
—Escuridão, sê luz; silencio, fala!

INDICE

1901-1903

	Pag.
Nas prisões celulares da Materia, ...	15
Ao sopro do mysterio, o estranho vento, ...	16
Pelo claustro de abobada infinita	17
Oh montanha, oh montanha escura e brava! . . .	18
Existir! Para quê? Tumulo ou berço, ...	19
Meus pobres versos!... Eis o que transuda. . . .	20
Tão moço como vós, que ides vogando	21
—Dorme o inerte infinito em meu regaço	22
Oh meus irmãos, oh descendentes de Eva, ...	23
Nas solidões do primitivo mundo	24
—Minha origem qual é e a minha essência? . . .	25
Torcidas por angustias seculares, ...	26
I—Intrepido guerreiro, erguida a lança, ...	27
II—Então hesita, sem saber que faça	28
Na sua lingua sobrenatural.	29
Assentou arraial na minha vida	30
I—Depois de batalhar ardentemente.	31
II—Oh Senhora das Dores, oh Piedosa	32
III—Oh lagrimas de Mãe! oh feeria!	33
Olhos errantes!... A visão perpassa	34
Sobre o Mysterio (como em noite escura.	35
Chimeras, pombas d'um pombal aereo.	36
I—Meu Sonho ardente e audacioso brada:	37
II—E o meu sonho atravessa as nebulosas, ...	38
Coração incendiado de Poeta	39
Num corpo lindo um coração diamante, ...	40

Pag.
Tal como negra e miseravel lama 41
Na sua egregia pompa e magestade, ... 42
Assim falou o coração humano, ... 43
I — Tenho estado a ouvir ha uma hora, ... 44
II — Como te odeio, oh Arte, que procuras 45
Sinto cahir da linha triumphante. 46
I — Minha terra embalada pelas ondas, ... 47
II — E pode ser que em noites de luar, ... 48
III — E, amendoeiras em flor, quero tambem. . . . 49
Ha pouco ouvi contar numa esfolhada. 50
Assenta a minha aldeia sobre os flancos 51
Do meu pequeno quarto de estudante. 52
I — Pilatus ouve desdenhosamente 53
II — Junto do Homem, tremulo de espanto, ... 54
I — Oh tristes mortos, fecham-vos em lousas, . . . 55
II — Quem sabe lá se a luz que há na materia, . . 56
Oh fome redemptora que nos feres. 57
O homem pelo homem devorado, ... 58
Olhos sem par, castelos de violetas, ... 59
Oh noites do Algarve enamoradas!... 60
Porque nasci ao pé de quatro montes, ... 61
Oh mais linda entre as lindas creaturas, ... 62
Cheios de paz e cheios de doçura, ... 63
Tal como se desprende uma scintila 64

1908-1916

Pelo amor! 67
Luar do sul 68
Francesca 69

Pag.

Lux 70
Captiva 71
Indomita 72
A uma violinista 73

Genezareth
I 74
II 75

Soberana
I 76
II 77
III 78
IV 79

Romper d'alva 80
De longe 81
Sol-posto 82
Intangivel 83
Virgem-mãe 84
Mors ultima ratio 85
Para o alto 86

Monteria
I 87
II 88

Coimbra 89
Paysagem rustica 90
Bocca 91
Nostalgia 92
O altitudo! 93
Minha irman... 94

Pag.

Almas errantes
I 95
II 96
Pesadelo 97
Eterna tempestade. 98
Medo 99
Estatua do cavador 100
Sphynges 101
Eterno escravo 102
Oremus. 103
Non omnis moriar 104
Sulamites 105
Primeira estrela 106
Amor-Victor 107
Neve. 108
De joelhos. 109
Agua indomita 110
Gratia plena 111
Plena serra 112
Crepusculo 113
Rochedos 114
Ciganos
I 115
II 116
III 117
Margareth 118
De profundis. 119
Vozes da selva 120
Deus, ecce Deus! 121

Pag.

Mens agitat molen 122
Unus et trinus 123

Palavras d'um pinheiro
I 124
II 125

Umbra mater
I 126
II 127

Mendiga
I 128
II 129
III 130
IV 131

Mehr licht! 132
Deante do Astarteion. 133
Hora roxa 134

Ás portas de Fez
I 135
II 136
III 137
IV 138

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 16 DE SETEMBRO DE 1916.

PQ
9261
G84S6
1916

Guerreiro, Candido
Sonetos 2. ed. aumentada

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 25 02 006 4